

CIDADANIA: UMA POSTURA DE VIDA COERENTE COM A PALAVRA DE DEUS

João Luiz Correia Júnior

A vida ameaçada, a dura realidade de multidões excluídas socialmente, o sofrimento humano, os diversos desafios do contexto vital em que estamos inseridos, tudo isso deveria instigar a inteligência das pessoas de boa vontade para a busca de soluções. Chamamos tal prática de “cidadania”: ações concretas, viáveis, possíveis, cotidianas, comprometidas com políticas sociais geradoras de melhor qualidade de vida na comunidade.

Mas, para que a semente da cidadania possa germinar, é fundamental haver uma crescente sensibilização dos atores envolvidos diretamente nesse processo. A Bíblia tem dado provas de que pode ajudar bastante nesse processo, uma vez que sua tarefa consiste justamente em preparar o coração humano, isto é, o mais íntimo de sua vontade, para atitudes que respeitem e promovam a vida. Em Jo 10,10b, encontramos na boca de Jesus uma bela síntese de sua ação: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”. De fato, suas palavras estão em perfeita coerência com sua ação. O salmista diria que Jesus “é como árvore plantada junto d’água corrente: dá fruto no tempo devido e suas folhas nunca murcham; tudo o que ele faz é bem-sucedido” (Sl 1). É no contato com a Palavra de Deus, água corrente capaz de gerar vida nova, que Jesus encontrou energia para sua prática restauradora de vidas, compromisso ético e cidadão junto ao seu povo. Usando outra metáfora, podemos afirmar que a Palavra de Deus é como a chuva que desce do céu para, no encontro com a terra, criar condições necessárias para a fecundação da vida em todas as esferas (cf. Is 55,8-10).

Nessa dimensão, podemos perceber a pertinência de se aprofundar a relação entre Bíblia e cidadania. A Bíblia é fruto da experiência de vida, fecundada pela fé em Deus. Seus textos foram escritos ao longo de mil anos, a partir das mais diversas situações da existência humana. Tem como objetivo fortalecer a fé, elemento fundamental para manter a pessoa sintonizada com a dinâmica de Deus, tornando-a capaz de se manter firme no caminho da auto-superação, do compromisso com o precioso dom da vida em nível pessoal, familiar, comunitário, social, enfim, com a vida do próprio planeta Terra. Assim, a Palavra de Deus potencializa a cidadania, tornando-a uma prática de amor consciente e profunda, além de contribuir como excelente testemunho de fé.

1. Cidadania como expressão da fé em Deus

Cidadania é a qualidade ou estado de quem se beneficia dos direitos civis e políticos de um Estado, e que desempenha os respectivos concomitantes de tais benefícios. Em sua origem, a palavra deriva de *civitas*, que em latim significa cidade, e que tem seu correlato grego na palavra *politikos* – aquele que habita na cidade.

No sentido ateniense do termo, cidadania é o direito de participar das decisões sobre os destinos da cidade, através da *Ekklesia* (reunião), na *Ágora* (praça pública), onde se organizavam para deliberar sobre decisões tomadas de comum acordo. Dentro dessa concepção, surge a Democracia Grega. Naquela época, apenas 10% da população determinava os destinos das cidades gregas da Grécia Antiga; eram excluídos os escravos, mulheres e artesãos. Nas cidades modernas, gradativamente, a cidadania deixou de ser privilégio do homem que nasceu em berço de ouro, como nas cidades gregas. Ao longo dos séculos, cada vez mais em pé de igualdade, homem e mulher constroem a cidadania na medida em que intervêm na construção do bem comum. Tal intervenção é fruto da consciência dos direitos individuais e dos deveres para com a coletividade. Trata-se da prática baseada em valores que contribuam com o processo contínuo de libertação do ser humano.

Cidadania é, portanto, a mobilização concreta pela promoção da vida e pela construção de estruturas voltadas para o bem-estar social da maioria. É querer mudar a realidade a partir da ação com os outros, da elaboração de propostas, da crítica, da solidariedade e da indignação com o que ocorre entre nós. Cidadania é o direito a ter direitos, e o assumir os deveres sociais. No Brasil, por exemplo, a prática da cidadania se expressa fundamentalmente na luta contra a exclusão social, contra a miséria de milhões de brasileiros que nem ao menos são respeitados como seres humanos.

O termo “cidadania” não aparece, de forma explícita, na literatura bíblica. Mas, o sentido que tem para nós hoje está presente na Bíblia, como expressão concreta da fé em Deus. A prática da fé tem conseqüência na vida pessoal e, conseqüentemente, alcance social. Do contrário, tende a esvaziar-se e voltar-se para realidades puramente abstratas, desvinculadas dos grandes desafios da vida cotidiana. Chega mesmo a alienar, tornando a pessoa alheia à realidade e aos problemas que a cercam.

A fé no Deus que se revela ao longo da tradição bíblica expressa-se em comportamentos no âmbito das relações humanas. Nesse aspecto, a fé amplia a sensibilidade para olhar a vida comunitária a partir das pessoas que – segundo o pensamento da ideologia dominante – não são, nada valem, nada sabem, nada podem. O Deus da Bíblia faz opção por tais pessoas, que chama de “seu povo”: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvei o seu clamor por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias” (Ex 3,7). É um Deus que convida para mudanças de atitude frente ao sofrimento humano: “Lavai-vos, purificai-vos! Tirai da minha vista as vossas más ações! Cessai de praticar o mal, aprendei a fazer o bem! Buscai o direito, corrigi o opressor! Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva!” (Is 1,16-17).

Do ponto de vista da relação com a vida de uma forma mais ampla (o ecossistema), a fé no Deus que se revela na Bíblia, leva ao engajamento na luta pela promoção da saúde do planeta, a partir da região em que estamos inseridos; concretamente, isso se expressa na preservação dos recursos naturais como bem inalienável para todas as formas de vida que estão ao nosso redor. Este é o sentido de Gn 1,27: “Que os seres humanos dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra”. Dominar no sentido de conhecer para melhor servir.

A fé no Deus da Bíblia leva-nos, portanto, a participar do projeto da Criação como co-responsáveis. Podemos, nessa perspectiva, firmar aqui a concepção de uma fé cidadã, capaz de transformar um não-povo em povo participativo, consciente e atuante. Um povo constituído de pessoas cidadãs, povo do Deus da Vida, testemunho para todas as gerações de que isso é possível (luz para as nações).

Assim, a fé permite fortalecer a prática de quem quer exercer a cidadania ativa na perspectiva da construção do Projeto de Deus no aqui e agora da realidade humana. De fato, a vivência da fé só faz sentido, publicamente, quando aliada a outros setores da sociedade para a expansão da consciência cidadã, que se concretize na prática da cidadania.

2. Fundamentos bíblicos para a prática da cidadania

Ao buscar inspiração para a prática da cidadania, na Bíblia, cada pessoa é convidada a abrir o coração para o Espírito de Deus, o mesmo que animou mulheres e homens ao longo de mil anos a lutarem pela construção de uma sociedade em que todos pudessem viver com dignidade, na história do povo de Israel. Numa linguagem teológica, trata-se de um compromisso com a construção do seu Projeto de Vida, que será intitulado Reino de Deus; numa linguagem sociológica, propõe compromisso ético com a construção de estruturas justas, em que todos vivem e praticam a cidadania.

Vejamos alguns elementos importantes do Projeto do Deus da Vida, e do compromisso de fé que esse projeto desperta, ao longo do Primeiro e do Segundo Testamentos da Bíblia.

2.1. No Primeiro Testamento, o Projeto de Deus é eminentemente um projeto de cidadania

Na Bíblia, o Pentateuco (chamado pelos judeus de Torá) contém a Lei de Deus: conjunto de normas que apontam o melhor caminho para a felicidade pessoal e comunitária. Tais prescrições regulavam a vida moral, social e religiosa do povo de Israel; eram amorosamente preservadas, ensinadas de geração em geração, pois eram concebidas como expressão da vontade de Deus, Palavra de Deus, fundamento necessário para a construção de uma sociedade em que cada pessoa se empenhe amorosamente em praticar o direito e a justiça:

“Felizes os de conduta irrepreensível que seguem a vontade de Deus. Felizes os que guardam seus preceitos e o procuram de todo o coração... Tu ordenaste que teus decretos sejam observados com exatidão... Hei de guardar tuas normas... Tu és bendito, Senhor!... Meus lábios recitarão tudo o que manda a tua boca... Encaminha-me pela senda de teus mandamentos... Como amo tua vontade! Eu medito nela o dia todo... Tua palavra é lâmpada para meus passos, luz em meu caminho... Pratico o direito e a justiça... Que tua mão me auxilie, pois escolho teus decretos” (Sl 119).

2.1.1. Os Mandamentos da Lei de Deus

A síntese dessa legislação voltada para a prática amorosa do direito e da justiça está em Ex 20,1-21 (conforme Dt 5,6-21). Temos, então, o seguinte esquema:

Introdução (v. 1-2)

1º Mandamento (v. 3-6): Amar a Deus sobre todas as coisas

2º Mandamento (v. 7): Não tomar seu Santo Nome em vão

3º Mandamento (v. 8-11): Guardar o Dia do Senhor (Domingos e Festas de guarda)

4º Mandamento (v. 12): Honrar pai e mãe

5º Mandamento (v. 13): Não matar

6º Mandamento (v. 14): Não adulterar (Não pecar contra a castidade)

7º Mandamento (v. 15): Não roubar

8º Mandamento (v. 16): Não levantar falso testemunho

9º e 10º Mandamentos (v. 17): Não cobiçar a casa do próximo

(Não desejar a mulher do próximo. Não cobiçar as coisas alheias)¹

Conclusão (v. 18-21)

Trata-se, portanto, de uma legislação voltada para a construção de um sistema sociopolítico cuja centralidade não só proíbe a morte, mas defende e promove a vida em todos os níveis, como algo que nos aproxima da essência do próprio Deus da Vida.

Fundamentalmente, os Mandamentos têm como objetivo fornecer as bases para uma sociedade onde todos possam viver como membros da mesma família, filhas e filhos de Deus. Para tanto, orientações são formuladas como imperativo categórico para que a pessoa se comprometa com tal projeto de vida. Os Mandamentos da Lei de Deus possibilitam formar uma relação social onde todos possam viver não apenas em liberdade política; é fundamental, além disso, uma vida com dignidade, em que todos possam ter trabalho, remuneração, lazer, educação (inclusive religiosa), saúde, vitalidade e, conseqüentemente, prazer de viver².

A proposta, portanto, é a de uma sociedade fundamentada em princípios que promovam a vida, numa perspectiva radicalmente oposta àquela que promove a morte prematura da maioria, em prol do aparente bem-estar de uma minoria. É programático, portanto, que o centro dos Mandamentos seja o quinto: Não matar. Desse modo, os Mandamentos são princípios de um Projeto de Vida pessoal e comunitária, por meio do qual é

1. Nota da redação: A tradição evangélica tem outro esquema para os dez mandamentos.

2. Fr. Carlos Mesters tem um interessante trabalho sobre este tema. MESTERS, Carlos. *Os dez mandamentos*. São Paulo: Paulinas, 1986.

possível construir um novo tipo de comportamento diferente daquele experimentado pelo povo de Deus no Egito, cujo sistema sócio-político-econômico era alicerçado no trabalho escravizado da maioria, e na defesa do *status* privilegiado de minorias.

É imprescindível meditar continuamente sobre a proposta de Deus contida em seus Mandamentos. O ato de meditar é algo como saborear internamente a sábia orientação pedagógica de Deus que, gradativamente, ao longo do tempo, ajuda a atingir a maturidade da fé e, conseqüentemente, a felicidade.

Assim, os Mandamentos da Lei de Deus são princípios que podem contribuir bastante para a prática da co-responsabilidade cidadã. Os Mandamentos da Lei de Deus, nessa perspectiva, oferecem uma disciplina para formar a vontade, controlar os caprichos pessoais, fomentar a generosidade solidária.

2.1.2. Testemunhos de fé, na luta pela terra e pela liberdade

Na Bíblia, encontramos excelentes testemunhos de fé, coerentes com o Projeto de Deus em seus Mandamentos. Tal coerência, ao longo dos séculos, tem motivado pessoas a superarem seus próprios interesses pessoais e se engajarem em ações concretas em prol da vida comunitária e do bem comum (cidadania). Vários personagens podem ser citados, de ambos os sexos. Tomemos o exemplo de alguns...

Abraão

A figura de Abraão é muito interessante. Ele será o embrião do povo de Deus porque atende ao chamado divino e, motivado pela fé, desinstala-se (supera seus próprios interesses) e se põe no caminho de novos horizontes: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo...” (Gn 12,1-2).

O projeto do qual Abraão é portador, Projeto de Deus, nasce da fé comprometida com o bem comum, fé cidadã. É um projeto que nasce em meio à dura realidade da luta pela sobrevivência; propõe saídas viáveis neste mundo. Busca viabilizar o que todo ser humano almeja em suas necessidades elementares: vida com dignidade não só para si mesmo, mas para todo o seu povo.

Moisés

Um outro personagem não menos importante é Moisés. Ele, que foi salvo das águas e adotado pela filha do faraó, cresceu sabendo de sua procedência dos escravos hebreus (Ex 1–2). Um dia, já adulto, viu de perto a sorte dos seus irmãos. Ao ver um deles maltratado injustamente por um egípcio, tomou-lhe a defesa e vingou o oprimido, matando o agressor (2,12).

Temos aí uma atitude violenta que nasce de algum grau de indignação diante da injustiça social por que passavam os oprimidos de seu povo; mas ainda não é uma atitude que nasce do nível mais elevado da experiência de Deus. Essa dimensão só será

alcançada tempos depois, quando – na maturidade da fé – Moisés responde ao chamado de Deus para libertar o seu povo oprimido por dura escravidão (Ex 3,1-15).

No mais profundo da sua consciência, Moisés se sente impulsionado por uma força maior (a do poder de Deus) a, solidariamente, empenhar a própria vida pela superação da dor e do sofrimento dos seus semelhantes. Investido dessa energia libertadora que emana do Deus da Vida, põe-se a caminho para defrontar-se com o faraó, o maior poder que conhecia no mundo, e travar com ele a grande batalha pela libertação do seu povo.

Mulheres engajadas na luta: testemunhos de fé

Na Bíblia, apesar de encontrarmos fortes traços da cultura patriarcal, proveniente da época em que foi escrita, temos a contribuição de mulheres que, lucidamente, deram grande contribuição na luta pela liberdade. Quando tais mulheres são citadas pelo nome, boa parte dos textos bíblicos apresentam-nas como pessoas de fé profunda no Deus libertador, engajadas na luta comunitária pelo bem comum do seu povo (cidadania).

Exemplo interessante é a figura de Débora, profetisa e juíza. A personagem teve papel decisivo na luta do povo de Israel pela posse da terra. Em Jz 4,1-24 a personagem demonstra ser decidida e corajosa, numa contraposição a Barac, guerreiro indeciso e sem coragem. Na mesma perícopes temos a participação de outra mulher, Jael, que, com sua coragem, liquida o principal inimigo do seu povo, Sísara, general fugitivo. Em Jz 5,1-31 temos uma versão poética, um dos cânticos mais antigos da Bíblia, sobre a narrativa do capítulo anterior. Interessante perceber nessas passagens que tais mulheres surgem em situações onde a liderança masculina fracassa literalmente: situações onde a capacidade de resistência do povo demonstrava claros sinais de esgotamento. Na conclusão desse cântico, o registro de um belo testemunho de fé, que demonstra consciência política do que Deus quer, e engajamento na luta do projeto de vida desse Deus: “Assim perecem todos os teus adversários, Javé! Aqueles que te amam sejam como o sol quando se levanta na sua força!” Com certeza, na história do povo de Deus temos um número incontável de mulheres que testemunharam a fé engajada, comprometida com a luta pela vida de sua comunidade: são mulheres das camadas populares, escravas, pobres ou pagãs como a escrava egípcia de Sara, Agar³.

Enfim, a presença humana, terna, firme e vigorosa de tais mulheres na vida do povo, bem como seu testemunho de fé engajada na luta cotidiana, tudo isso aparece de muitos modos: nas risadas diante do inusitado (Sara, em Gn 18,1-15); na reivindicação de direitos (Tamar, cf. Gn 38); na coragem e astúcia em defesa da vida (parteiiras do Egito, cf. Ex 1,15-22); na profecia e liderança junto a outras mulheres (Miriam, cf. Ex 15,20-21); nos cânticos de esperança dos empobrecidos (Ana, cf. 1Sm 2,1-10); na

3. Elsa Tamez faz excelente comentário sobre a figura de Agar, a partir da chave de leitura dos pobres e oprimidos. Seu estudo de Gn 16 e 21 coloca em confronto duas mulheres: Sara e Agar. Muito destaque tem-se dado a Sara pelo que ela representa na história do povo de Deus. Mas personagens como Agar, por sua condição de mulher, estrangeira e escrava, passam em geral despercebidas. TAMEZ, Elsa. A mulher que complicou a história da salvação. *Estudos Bíblicos*, n. 7: Leitura da bíblia a partir das condições reais da vida. Petrópolis: Vozes, p. 56-72.

sabedoria para resolver problemas (mulheres que nem são citadas pelo nome, cf. 2Sm 14; 20,16-22); no erotismo do amor conjugal (a Sulamita, do Cântico dos Cânticos); nos pequenos grandes gestos de solidariedade (livro de Rute); na resistência e firmeza permanente (livro de Judite); na exposição da própria vida pela salvação do povo (Ester); na confiança inabalável em Deus (a mãe dos Macabeus, cf. 2Mc 7).

A fé não alienada do profetismo bíblico

Na espiritualidade dos profetas e profetisas, encontramos muitos exemplos que nos inspiram a cultivar a fé comprometida com a prática da cidadania. Tal fé brota de três elementos profundamente interligados:

- 1) *Inquietude profunda*, que nasce das entranhas do ser humano sensibilizado pelo sofrimento injusto por que passam as pessoas do seu meio social;
- 2) *Conhecimento do Projeto de Deus*, que nasce da intimidade com o Deus da Vida;
- 3) *Atitudes concretas*, fundamentadas na esperança de que, por meio da promoção dos valores humanos, é possível fazer algo em prol dos direitos civis, religiosos, sociais e econômicos. Esses três elementos da espiritualidade profética são muito interessantes para enfrentar a crise da história pessoal e social, pois não produzem simples inconformismo que leva à revolta estéril; não conduzem ao conformismo, típico de quem se sente incapaz e vulnerável diante dos grandes problemas com que se depara. Pelo contrário, animam atitudes promotoras da vida. Essa é, fundamentalmente, a experiência profética.

A Palavra “profeta” é um termo grego que deriva do verbo “phemi”, dizer, falar + o prefixo “pro”, no lugar de, em nome de. Portanto, profeta é porta-voz, alguém que fala em nome de Deus. A ação profética é consequência de uma espiritualidade que se expressa numa prática de libertação dentro do contexto histórico, econômico, social, político e cultural, no qual a pessoa está inserida. Nesse sentido, os profetas e profetisas bebem do próprio poço cultural religioso, isto é, vão buscar inspiração em seus ancestrais, os mais antigos pais e mães do povo de Israel. Tal fé tem o seu fundamento no Deus que age em meio aos acontecimentos da vida, em especial durante o período privilegiado do Êxodo, no qual foi feita a experiência desse Deus como Libertador⁴.

O sonho do profetismo de Israel, entendido como aquilo que realmente agrada a Deus, é o de que mudemos o comportamento na relação social. Trata-se de uma verdadeira conversão para a prática da cidadania: “Lavai-vos, purificai-vos! Tirai da minha vista vossas más ações! Cessai de praticar o mal, aprendei a fazer o bem! Buscai o direito, corrigi o opressor! Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva! Então,

4. Num dos primeiros fascículos de *Estudos Bíblicos* encontramos um belo artigo de Sebastião Gameleira, que nos ajuda a entender as características mais importantes do profetismo de Israel. Nesse artigo, podemos perceber a profunda relação entre a experiência de fé em Deus (o Deus de Israel, o Deus de Jesus) e o compromisso ético da luta pela vida (prática da cidadania). GAMELEIRA SOARES, Sebastião Armando. Rerer os Profetas: notas sobre a releitura da Profecia Bíblica. *Estudos Bíblicos*, n. 4: Profetas: ontem e hoje. 3. ed., 1989, p. 21-32.

sim, poderemos discutir, diz Javé: Ainda que vossos pecados sejam como escarlate, tornar-se-ão alvos como a neve; ainda que sejam vermelhos como carmesim, tornar-se-ão como lã” (Is 1,16-18).

De fato, não é possível uma nova ordem sócio-político-econômica, agradável aos olhos de Deus, sem a mudança do comportamento de cada um dos seus cidadãos e cidadãs. Não haverá mais lugar para as pessoas que teimam em viver na opulência, em intermináveis banquetes, às custas do suor, da carne e do sangue da classe trabalhadora. Tais festins diabólicos, macabros, estão com os dias contados, pois as pessoas que os praticam serão obrigadas a passarem por um processo de autodestruição: “Obrigarei teus opressores a comerem a sua própria carne! Eles embriagar-se-ão com o seu sangue como com vinho novo” (Is 49,26).

O sonho do profetismo de Israel é algo para concretizar no aqui e agora de nossa história pessoal e social, sem perder de vista a realização plena que se dará quando Deus intervier, no final dos tempos. É o sonho de um novo céu e de uma nova terra, em que as agruras, os gemidos e prantos do passado darão lugar à grande alegria; as pessoas alcançarão a longevidade, desfrutando do próprio trabalho, saboreando as bênçãos nos filhos, netos e bisnetos; sentirão a presença viva de Deus. Um mundo maravilhoso em que será possível alimentar-se em paz, sem competição, valorizando as diferenças (Is 65,16b-25).

A sabedoria como consequência da fé não alienada

A fé bíblica é centrada no Deus Libertador, Deus sensível às necessidades concretas das pessoas oprimidas, exploradas e excluídas; tal fé (= confiança inabalável no Projeto do Deus da Vida) é o fundamento da espiritualidade do povo de Deus. Essa é uma espiritualidade que desaliena de todo tipo de fuga dos problemas cotidianos, pois leva ao compromisso com a promoção da vida, em nível pessoal e comunitário; leva à consciência ética e prática da cidadania, como diríamos hoje. Essa experiência de fé produziu, ao longo dos séculos, a Sabedoria do Povo de Deus.

O compromisso com o bem comum, a prática da cidadania, pode ser compreendida como sabedoria, no sentido bíblico da palavra. Para o povo de Israel, a sabedoria não é algo que se consegue pela simples acumulação de conhecimentos, mas deve ser compreendida como o bom senso e o discernimento das situações, adquiridos através de dois elementos profundamente interligados: a) a reflexão sobre a ação cotidiana (práxis); b) a contemplação.

Contemplação não é fuga, nem alienação. É atitude de quem é capaz de: a) mergulhar na realidade em que está inserido, para descobrir e saborear aí a presença ativa e criativa de Deus; b) escutar atentamente os apelos de Deus que brotam dessa realidade (Deus nos fala por meio dos acontecimentos da vida cotidiana e das pessoas); c) buscar corresponder continuamente – com as atitudes concretas – aos apelos de Deus. Contemplação é, portanto, atitude de quem vive com intensidade o precioso dom da existência em sintonia com o Deus da Vida. É por meio da contemplação que se consegue discernir os apelos de Deus para continuamente avaliar e modificar – se necessário – o

comportamento, as atitudes, tendo em vista o compromisso com a promoção da vida (cidadania). Nessa perspectiva, podemos afirmar que a cidadania é sabedoria que brota da práxis contemplativa de quem é capaz de perceber a presença e os apelos de Deus em meio aos acontecimentos da vida.

A sabedoria consiste em saber viver no dia-a-dia. Sábio, sensato, prudente é quem sabe lidar de modo inteligente com seus afazeres, com seus amigos (Eclo 5,5-13; 9,10-18), com sua família (esposa, filhos: 7,19-28), com os pobres e doentes (7,32-36), com os poderosos e com as autoridades (8,1-19). Tais atitudes devem nascer da obediência à Lei e ao Mandamento de Deus, que deseja que seus filhos convivam com justiça, bondade, misericórdia, piedade e paz. Em Eclo 4,1-10 encontramos interessante texto que ressalta o compromisso social em nome da fé.

O personagem Jó também pode ser tomado como símbolo de toda pessoa que, apesar de cumprir diariamente seus deveres para com a cidadania, tem seus direitos continuamente desrespeitados. Sua indignação reside no fato de que muitos outros, embora não cumpram seus deveres, têm todos os direitos do mundo. Vale a pena continuar levando a sério os deveres de cidadão? A resposta é sim, pois a prática do direito e da justiça deve ter como motivação interior algo mais profundo: a fé no Deus cujo projeto maior é o da Vida. Desse modo, a vida só tem sentido se nos integramos ao Projeto de Deus: “Sei que podes tudo e que nada te é impossível. Quem é que obscurece assim o desígnio divino, com palavras sem sentido? De fato, eu falei de coisas que não entendia, de maravilhas que superavam o meu saber. Eu dizia: “Escuta-me, deixa-me falar! Vou interrogar-te e tu me responderás. Os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti, mas agora vêm-te os meus próprios olhos. Por isso, retrato-me e faço penitência, cobrindo-me de pó e de cinza” (Jó 42,2-6).

Seguindo a mesma linha de Jó, o Eclesiastes apresenta o problema da retribuição do bem e do mal, contradizendo as posições tradicionais (8,9-15). Assim, sublinhando a insuficiência das concepções antigas e forçando os espíritos a enfrentar os enigmas humanos, abre caminho para uma revelação mais profunda. Dá uma lição de desapego dos bens terrestres e, negando a felicidade dos ricos, prepara o mundo para entender que “bem-aventurados são os pobres” (Lc 6,20). No processo de construção da cidadania, é preciso ter paciência histórica: tudo tem seu tempo e sua hora... (Ecl 3,1-8). Mas não se deve esmorecer diante do aparente sucesso dos maus: “Não invejes os homens maus nem desejes estar junto deles... É com sabedoria que se edifica a casa...” (Pr 24,1-3).

O livro da Sabedoria se abre com uma exortação à prática da justiça. O autor dirige-se, em primeiro lugar, a todos os reis e àqueles que, de algum modo, detêm o poder (v. 1: “Amai a justiça, vós que governais a terra, tende para com o Senhor sentimentos retos e buscai-o com sinceridade de coração...”). A Sabedoria deixa-se encontrar. É como uma pessoa que se põe em movimento, tendo como referência o movimento das pessoas que vêm na sua direção. É ela, porém, quem está no princípio e no fim de todo este movimento; é ela quem toma a iniciativa e se adianta à ação do próprio ser humano, preocupada em elevá-lo (7,12-21).

No livro dos Salmos a espiritualidade de Israel é apresentada numa coleção de 150 orações que refletem as mais diversas situações da vida do indivíduo e do povo. O livro se abre com um salmo que pertence ao gênero sapiencial (Sl 1) e constitui uma espécie de meditação introdutória aos demais. Esta meditação, com claras conotações éticas (fundamentais para a prática da cidadania a partir da fé), mostra que o livro, para além de ser uma antologia de orações pessoais e litúrgicas, é também um espelho para a convivência social segundo o Plano de Deus. Por isso, é sublinhada a divisão de caminhos ou comportamentos, que representam dois modos de vida com resultados diferentes (conforme Dt 30,15-18).

Na tradição de Israel chegou-se a uma identificação entre Sabedoria e Deus. O Deus-Sabedoria se revela a partir de baixo, do mais profundo da experiência humana, no interior de nossa casa, em meio a nossa convivência cotidiana. É desse meio que ela (a Sabedoria) nos convida para o banquete da vida, prenúncio do banquete que está preparado para os justos, no final dos tempos... “A Sabedoria edificou a sua casa e levantou as suas sete colunas. Abateu os seus animais, misturou o seu vinho e dispôs a sua mesa. Enviou as suas servas para que anunciassem nos pontos mais elevados da cidade: ‘Quem for simples venha a mim!’ Aos insensatos mandou dizer: ‘Vinde e comei do meu pão e bebei do vinho que preparei; deixai a insensatez e vivereis; andai pelos caminhos da inteligência’” (Pr 9,1-6).

A experiência de fé do povo de Deus no Primeiro Testamento foi, sem dúvida, experiência de sentido para a vida. Prova disso é que tal fé no Deus Libertador era confessada publicamente nos rituais sagrados, por meio de belas orações, carregadas de gratidão (Dt 26,4-10): “Meu pai era um arameu errante: ele desceu ao Egito e ali residiu com poucas pessoas; depois tornou-se uma nação grande, forte e numerosa. Os egípcios, porém, nos maltrataram e nos humilharam, impondo-nos uma dura escravidão. Gritamos então a Javé, Deus dos nossos pais, e Javé ouviu a nossa voz: viu nossa miséria, nosso sofrimento e nossa opressão. E Javé nos fez sair do Egito com mão forte e braço estendido, em meio a grande terror, com sinais e prodígios, e nos trouxe a este lugar, dando-nos esta terra, uma terra onde mana leite e mel. E agora, eis que trago as primícias dos frutos do solo que tu me deste, Javé”.

É por aí, dentro da cultura do povo de Deus, que podemos compreender a fé de Jesus, bem como as implicações práticas que tal fé desencadeou em sua missão evangelizadora. Passemos para a segunda parte da Bíblia.

2.2. No Segundo Testamento, o projeto de cidadania desenvolvido pelo movimento de Jesus

O projeto desenvolvido pelo movimento de Jesus é situado na história, voltado para um determinado povo num contexto bem determinado. A partir da fé no Deus da Vida, enfrentando os desafios da época e da cultura em que estava inserido, Jesus retoma o Projeto da Aliança.

Sua mensagem é anunciada como boa-nova, boa notícia: chegou o tempo definitivo, oferecido gratuitamente por Deus como algo que refaz o seu plano de amor para com a humanidade e para com toda a criação. Embora dom gratuito, é fundamental uma dis-

posição interior, a conversão (mudança de postura na vida), para entrar na dinâmica do Reino, em que Deus é o Senhor. A Boa-Nova do Reino de Deus tem como objetivo contribuir com o tornar-se pessoa humana, segundo o Projeto de Deus que tem suas raízes, como vimos, no Primeiro Testamento. O humano se humaniza na medida em que, de forma responsável, participa criativamente da obra da criação, como co-criador.

Jesus, literalmente, encarnou esse projeto. Isso está bem claro em Mc 1,14-15: “Depois que João foi preso, veio Jesus para a Galiléia, proclamando o Evangelho de Deus: Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho”. A expressão “está próximo” pode ser tomada de duas maneiras: em sentido temporal, no sentido de que está chegando; ou, no aspecto espacial, para dizer da proximidade física. Seja como for, vale afirmar que a presença humana de Jesus, seus ensinamentos e gestos solidários, causam tanta admiração que, gradativamente, vai se fortalecendo a convicção de que um novo tempo (o tempo do Reino de Deus) se instaurou definitivamente.

Segundo seus discípulos e discípulas, Jesus foi tão humano que restaurou a essência divina presente na humanidade. E é exemplo de humanização, sobretudo, por meio de sua profunda solidariedade, tanto na perspectiva interpessoal, como no seu aspecto de compromisso social. Seguir Jesus é, nesse sentido, excelente caminho para crescer gradativamente na perspectiva da cidadania.

Solidariedade e cidadania

O amor e a gratuidade constroem um núcleo ético superior à submissão cega às normas e leis. Tal prática coloca a pessoa num tecido de relações motivadas não tanto pelo jogo de interesses, mas pela gratuidade e pelo dom generoso e solidário de si. Talvez aí esteja uma boa definição do que seja “solidariedade”. Talvez aí esteja a base daquilo que chamamos de cidadania?

Teologicamente, a solidariedade cristã (fruto desse amor e gratuidade) funda-se no agir de Jesus de Nazaré, o Cristo de nossa fé. A tradição bíblica dá testemunho desse agir solidário de Jesus que se volta para os pobres e marginalizados sociais. Nisso, Jesus manifesta a vontade salvífica de Deus e a justiça do seu amor. Sua existência e seu destino todo valem para a fé cristã como expressão da amorosa e gratuita solidariedade desse Deus – repetidamente experimentada na história da fé de Israel – para com o povo que clama por libertação.

O conteúdo desse tipo de solidariedade é concebido, por Paulo, nas figuras do amor ao próximo e da reconciliação ativa (Rm 5,10; 2Cor 5,18s; Cl 1,20-22), da representatividade (2Cor 5,21), da libertação (Rm 8,2s), da renúncia (2Cor 8,9), do fazer-se igual no sofrimento e na tentação (Hb 2,17s; 4,15), da participação (1Cor 10,16; Gl 3,14).

A solidariedade, conforme convicção bíblico-cristã, muda qualitativamente também as relações sociais. Sendo assim, faz surgir uma nova pertença social, para a qual o paradigma é o da relação entre irmãos e irmãs, e não mais a relação entre senhor e servo, e nem sequer a relação entre pai e filho(a). O que corresponde a essa intuição descreve-se com auxílio das categorias do serviço mútuo e do amor fraterno. Ao passo

que no “serviço” se frisa o contraste com o tratamento de dominação e disposição, na “fraternidade/sororidade” (irmandade) salienta-se proximidade (em lugar de distância), participação pessoal (em lugar de indiferença), disponibilidade espontânea de ajuda (em lugar de cumprimento do indispensável estabelecido na lei). Isso está muito bem expresso na “Parábola do Bom Samaritano” (Lc 10,30-35).

A Parábola do Bom Samaritano é uma resposta de Jesus ao legalista, que estabelecia limites para a solidariedade: “Quem é o meu próximo?” (10,29). Jesus muda a pergunta: “O que você faz para se tornar próximo do outro”. A parábola mostra, assim, que “o próximo” não é somente alguém de nossa família ou aquelas pessoas com quem convivemos no cotidiano; é também aquela pessoa que a gente encontra à margem do caminho, e da qual nos aproximamos para lhe dar uma resposta às suas necessidades imediatas. Nessa tarefa prática, a solidariedade (fraternidade/sororidade) não leva em conta barreiras de raça, religião, nação ou classe social.

Tal fraternidade ou sororidade consiste em que todos se empenhem mutuamente por cada um e que este empenho se comprove especialmente em situações em que é o outro que porta o fardo, que sofre, que passa necessidades, que precisa concretamente da ajuda de pessoas solidárias⁵.

A solidariedade cristã tem uma perspectiva mais ampla: construir relações inter-humanas solidárias no âmbito social mais amplo, por meio de instituições que interfiram diretamente na sociedade e na vida das pessoas. Nesse âmbito, a solidariedade cristã empenha-se na construção de novas maneiras de viver e formas comunitárias que dêem respostas criativas e eficientes aos novos desafios do tempo presente.

Esse foi e tem sido um grande desafio da solidariedade cristã, que ao longo dos séculos tem dado excelente testemunho da fé por meio dos mais diversos tipos de obras sociais, hospitais, escolas, faculdades, universidades, isso sem falar nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e pastorais ligadas diretamente às Igrejas locais ou às Conferências Episcopais.

Assim, estimulam-se instituições que, em sua essência, respondem aos mais diversos apelos da sociedade, configurando-se em verdadeiros centros de fomento da cidadania e de formação de lideranças que assumem seu compromisso ético e cidadão, fundamentados no seguimento de Jesus.

Por meio de tal interferência no âmbito social, a solidariedade que nasce da fé cristã vai construindo um princípio ético baseado na categoria teológica do “Reino de Deus”. Esse Reino é construído não só pelas relações interpessoais do cotidiano, como também por meio de instituições concretas que visem o bem comum. Nessa perspectiva, Reino de Deus é uma categoria-síntese da fé cristã, que aponta para a construção da ética social e para a prática da cidadania.

5. O apóstolo Paulo recomenda: “Carreguem os fardos uns dos outros, e assim vocês estarão cumprindo a lei de Cristo” (Gl 6,2). A única lei que Jesus Cristo deixou para com os cristãos, e que ele próprio viveu, é a lei do amor (5,14). Obedecer à lei de Cristo é viver o amor como Jesus o viveu. O amor ativo nasce da liberdade e empenha a totalidade do ser humano em tarefas concretas frente às situações da vida, levando-o a realizar muito mais do que qualquer lei poderia exigir.

Como se percebe, a fé cristã é essencialmente comunitária, social. O seu ponto de referência é o Outro (Deus) e o outro (homem-mulher). A pessoa que professa a fé cristã é, dessa forma, alguém que demonstra, pelas atitudes de cidadania, profunda *confiança* na Palavra de Deus, compromisso efetivo e afetivo com o seu Projeto de Vida.

Justamente por isso, na concepção cristã do Juízo Final, seremos julgados a partir do nosso compromisso ético de solidariedade ou, dito de outra forma, seremos julgados a partir da qualidade de nossa prática cidadã. Em Mt 25,31-46 (a única perícopos dos Evangelhos que trata do conteúdo do juízo final), as pessoas serão julgadas pelo reconhecimento e compromisso com a pessoa de Jesus. Porém, onde está Jesus? Está identificado com os pobres e oprimidos, marginalizados por uma sociedade baseada na riqueza e no poder. Por isso, o julgamento será sobre a realização ou não de uma prática de justiça em favor das pessoas que sofrem algum tipo de injustiça social. Este, por sinal, é o conteúdo central da fé, desde o início, apresentado por Mateus como o cerne de toda a atividade de Jesus: “cumprir toda a justiça” (Mt 3,15).

Conclusão

Ao longo deste artigo procuramos chamar a atenção para o fato de que as Sagradas Escrituras podem ser concebidas como importante instrumento ético-pedagógico capaz de: a) ampliar o nível de consciência crítica; b) sensibilizar para o altruísmo, capacidade de subordinar os interesses individuais ou particulares em prol dos interesses comunitários; c) gerar competência para prestar serviço qualificado em prol do bem comum.

Para nós, que professamos a fé cristã, seguir Jesus é muito mais do que as pessoas imaginam por aí. Tal fé exige compromisso com o Projeto de Deus, desde a Aliança do Primeiro Testamento até à implantação definitiva do Reino de Deus, no Segundo Testamento. E isso se faz assumindo uma ética que alicerce uma prática. A ética bíblico-cristã é a concretização, no aqui (“lugar”, espaço concreto em que vivemos) e no agora da história (“tempo” presente), daquilo que virá no fim dos tempos (“plenitude”), quando atingirmos a finalidade, a realização dos grandes objetivos.

O Apocalipse expressa bem isso, por meio da visão de João que afirma: “Eu vi descer do céu, de junto de Deus, a Cidade santa, uma Jerusalém nova, pronta como esposa que se enfeitou para seu marido” (Ap 21,2). Tal imagem indica que o que vem como futuro e realização é proposto como uma “cidade”; trata-se de uma construção humana que vem do céu, isto é, de algum modo beneficiada pela ação de Deus. Tal construção humano-divina é, portanto, uma bela imagem da prática cidadã que se deixa fecundar pela fé, gerando bons frutos: práxis apoiada nos alicerces profundos do amor solidário, na prática da justiça, e nos gestos gratuitos que visam tecer relações promotoras de vida no cotidiano da cidade (cidadania).

Por fim, é importante salientar que a prática cotidiana da cidadania, para quem professa a fé cristã, cumpre um valioso papel: desalienar. A alienação, muitas vezes alimentada pela própria instituição religiosa, é a fuga do contato com os desafios da vida. Perder esse contato implica em desconectar-se do Mistério que perpassa pela vida, o mesmo que nos instiga, provocando-nos a voltar e cumprir o nosso compro-

misso cidadão de lutar, com as pessoas de boa vontade, pela libertação de todas as cadeias que oprimem o nosso povo (Ex 3).

Assim, o compromisso com a cidadania é fundamental para promover a fé lúcida e consciente, capaz de construir um mundo melhor, em que o dom da vida seja recuperado e promovido em todos os níveis. Estar aberto ao mundo é recolher as questões nele suscitadas para, a partir daí, atuar em prol das transformações necessárias que promovam a vida em todos os níveis de relacionamentos: interpessoais, sociocomunitárias e socioambientais. Por conseguinte, é fundamental um esforço de abertura e articulação com pessoas, grupos ou movimentos que atuam de diferentes formas na luta em prol da vida.

Que bom aprofundar a fé testada cotidianamente no compromisso com a ética e com a cidadania. Tal fé no Deus da Vida, além de potencializar a consciência crítica, é capaz de direcionar a energia (poder dinâmico que vem de Deus) no caminho da solidariedade permanente.

Concluindo, podemos deduzir que o confronto Bíblia e cidadania tem duas importantes funções. A primeira, manter viva a esperança, que se alimenta da fé capaz de se materializar em gestos concretos de solidariedade. A segunda função, na linha contemplativa, seria a de ajudar a discernir os sinais de algo Maior, Sublime, Maravilhoso e Misterioso (Deus), em meio ao calor da luta cotidiana em prol da defesa dos direitos humanos e no esforço de promover a vida em todos os níveis da esfera planetária.

Fica aqui o convite para que esse confronto, por meio da leitura, meditação, contemplação e oração da Sagrada Escritura, alimente não só a prática da cidadania, mas fortaleça a fé no Deus Libertador, o mesmo Deus da intimidade de Jesus de Nazaré, que ele tão bem chamou e nos ensinou a chamar de Abbá, um paizinho tão terno, compassivo, misericordioso e próximo, que também – com todos os méritos – poderia ser chamado de mamãe.

Bibliografia

GAMELEIRA SOARES, Sebastião Armando. Reler os Profetas: notas sobre a releitura da profecia bíblica. *Estudos Bíblicos*, n. 4: Profetas: ontem e hoje. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 21-32.

MESTERS, Carlos. *Os dez mandamentos*. São Paulo: Paulinas, 1986.

SILVA, Antônio Aparecido da. Fundamentação teológica da ética. In: *Curso de verão: ano X*. São Paulo: Paulinas, 1996.

TAMEZ, Elsa. A mulher que complicou a história da salvação. *Estudos Bíblicos*, n. 7: Leitura da Bíblia a partir das condições reais da vida. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 56-72.

VV.AA. Cidadania. *Ribla*, 32. Petrópolis: Vozes, 1999.

João Luiz Correia Júnior
Rua João Fernandes Vieira, 600, apto. 1402A
Boa Vista
50050-903 Recife, PE
e-mail: joaoluizcorreia@uol.com.br